

2885

46 87670
GENS AVENTUROSAS
DE
FELICIO E FELIZARDA
AO POLO NORTE — PRIMEIRO
EPISODIO —



72

RIGINAL DE ANA DE CASTRO OSORIO
VRO DE LEITURA APROVADO OFICIALMENTE
ILUSTRAÇÕES DE MILY POSSOZ





VIAGENS AVENTUROSAS DE FELÍCIO E FELIZARDA
AO POLO NORTE

Breg. 91 - 91 745

VIAGENS AVENTUROSAS
DE
FELICIO E FELIZARDA
AO POLO NORTE - PRIMEIRO
EPISODIO -

to
29670

N.F. 20029

24

October 22

*EXIBIÇÃO NACIONAL
1933-34*



*R.P.L.
2085*



ORIGINAL DE ANA DE CASTRO OSORIO
LIVRO DE LEITURA APROVADO OFICIALMENTE
ILUSTRAÇÕES DE MILY POSSOZ

RESERVADOS OS DIREITOS



LUSITANIA
EDITORIA
LIMITADA
LISBOA

VIAGENS AVENTUROSAS DE FELÍCIO E FELIZARDA

Livro de leitura apresentado ao concurso aberto em Portugal pela Direcção Geral do Ensino Normal e Primario em 7 de Abril de 1920 e aprovado para leituras correntes da 5.^a classe da Escola Primaria, em 30 de Janeiro de 1922.

NOTA

Da Memoria justificativa que acompanhou os livros que Ana de Castro Osorio destinou ás escolas primarias, e apresentou ao Concurso aberto pela Direcção Geral do Ensino Normal e Primario em 7 de Abril de 1920 :

Viagens aventurosas de Felício e Felizarda —
livro de leitura corrente para a 5.ª classe primaria.

É este livro completamente refundido, modificado, acrescentado e melhorado, especialmente na parte que se refere ao Brasil, apresentado pela segunda vez ao julgamento duma Comissão especial para julgar livros para as escolas portuguesas. A primeira vez foi em 1909 e apesar de não ser aprovado nessa ocasião dêle dizia o seu relator :

«Aventuras de Felício e Felizarda: De todo o ensino que se ministra na escola primária é, sem dúvida, o da geografia aquele que bem tratado, mais fere a sensibilidade da criança.

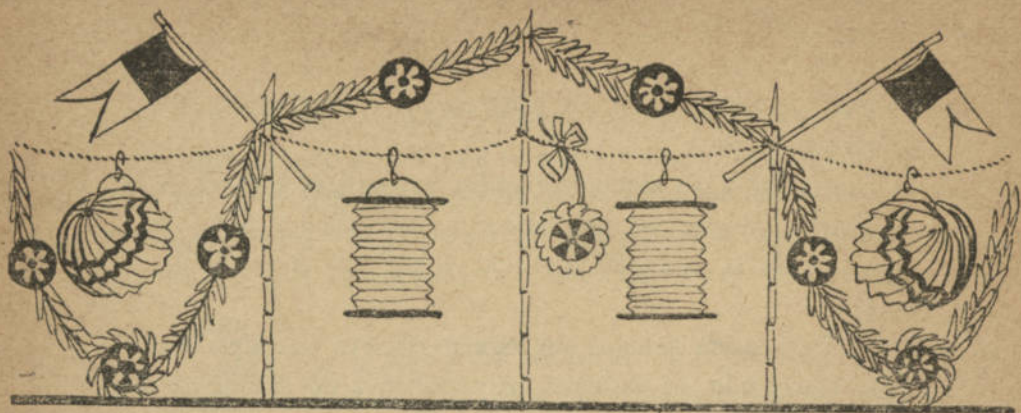
*«Escolheu a autora essa disciplina para assunto das suas **Aventuras de Felício e Felizarda** e com efeito, ela que conhece, como poucos, a psicologia infantil, trata no seu livro proposto a prêmio, o assunto com mão de mestre. Está certa de agradar aos leitorzinhos a quem o livro é destinado. Tem, talvez, até nisso justificado orgu-*

lho. Razão de sobra lhe não falha. Nestes ultimos tempos ninguem como D. Ana de Castro Osorio, tem mimoseado a infancia com uma collecção tão volumosa quanto interessante. De algumas tentativas generosas só a de D. Ana de Castro Osorio sortiu efeito. O seu nome, na litteratura infantil é inolvidavel e até recordado com justificada gratidão.

«Nas «Aventuras» uma vez senhora da criança, que a autora consegue empolgar com a engenhosa imaginação dos bonifrates, dos seus «grãos de bico», ministra ela variadas e curiosas noções que hoje, mesmo infantilmente, abarca o ensino da geografia».

A Comissão tecnica em conjunto dizia da mesma obra: «E' um livro cuja urdidura é interessante e muito propria para premios escolares. Encerra noções de geografia ensinadas habilmente com a delicadeza com que a autora usa conformar os seus excelentes trabalhos».

Não tendo sido aceite nessa época (1909) êste livro, foi posto de parte por terem outros trabalhos mais imediatos chamado a minha atenção. Hoje que entendi que era necessário para o conjunto educativo que imaginei, a sua revisão e apresentação impunhu-se. A minha posterior estada no Brasil fez com que fosse completamente modificada a parte referente á viagem realisada áquele país, representando tudo quanto nela digo a observação directa e o estudo pessoalmente feito. Parece-me que êste trabalho representa uma transição suave para as leituras mais desenvolvidas dos primeiros anos do Liceu e Primária Superior.



NOITE DE ROMARIA

Felício e Felizarda entram na vila

Essa noite de romaria era a mais alegre e festiva, para a pequena e risonha vila da Beira.

Noite de arraial, noite de festa rija, em que os filarmônicos não se cansavam de assoprar com brio nos velhos instrumentos de metal e de bater com fôrça no bombo atroador.

No largo espaçoso onde a ermida da Senhora do Castelo fôra construída com magnificência, em tempos passados, não havia um bocadinho de lugar que não estivesse cheio de alegre concorrência, ou ocupado pelos vendedores ambulantes, que não deixam nunca de concorrer às

festas populares, romarias e feiras, que é onde podem tirar alguns lucros.

Os gritos, os assobios e apitos, as cantigas e as gargalhadas, juntavam-se num sussurro ensurdecidor, que já se distinguia à saída da povoação, a um quilómetro de distância.

De vez em quando um foguete estalava nos ares, para ir entretendo os festeiros na expectativa do grande fogo armado, que um fogueteiro de fama trouxera de muito longe.

Na vila não tinham ficado senão os velhos, os doentes e algumas ajuizadas mães, que preferiam não ir às festas a ter que levar as criancinhas a apertões.

Também o Pedrito vira, com muita pena, sair toda a família, enquanto êle ficava prêso à cadeira comprida onde a sua pobre perna — partida numa das suas desenvoltas brincadeiras — estava metida em talas e fixada num aparelho apropriado, esperando a soldagem do ôsso.

i Quanto lhe custava fazer-se forte e disfarçar a mágoa que lhe apertava a garganta com os soluços, que queriam irromper-lhe do peito ansiado, e lhe avermelhava os olhos num ardor de lágrimas mal contidas!

Pudera ainda rir das promessas da Marianinha, que lho falara em nil bugigangas apetecidas nos arraiais e romarias, e, entre elas, nas bonecas de pão cobertas de açúcar e num galo da mesma massa, com a sua crista de baêta vermelha, que compraria para lhe dar, com alguns centavos que tirara do mealheiro e eram, nessa ocasião, toda a sua fortuna.

O Alfredo, o irmão mais velho, êsse trouxera-lhe um livro de Júlio Verne para se entreter durante a sua ausência; e o pai, que fôra obrigado por dever de cortesia a acompanhar os hóspedes, com os outros filhos, promettera-lhe que viriam cedo, — logo que o fogo prêso acabasse.

Logo que o fogo prêso acabasse — que grande consolação!... Pois se era ao fogo, exactamente, que êle mais lamentava não assistir!

!Que maravilhas lhe contara o *Chiquito do Costa* (seu discípulo, e o seu mais assiduo visitante na doença que o amarrava ali, como um frangão prêso por uma corda a um trambolho), dêsse assombro pirotécnico em que havia castelos defrontando-se com terrível artilharia, soldados heróicos espingardeando-se uns aos outros, rodas e rodinhas multicores, e dançarinas graciosas girando e volteando como verdadeiras bailarinas de profissão!...

!E agora que estava só, e já não era vergonha chorar, ei-lo ali estava, o pobre Pedrinho, vertendo lágrimas como punhos, enraivecido contra a sua perna partida, como se fora ela, e não o seu pouco cuidado e discernimento, a causa do desastre!...

!Todos tinham trocado o arraial, com a sua algazarra e estonteante alegria, pelo dever de acompanhar um pobre enfermo!...

Todos!... Todos, não! O pequeno Pedro, como quási todos os que sofrem, era um tanto injusto. Em primeiro lugar, nem sequer devia pensar dessa maneira egoísta, preferindo sacrificar os outros a sofrer êsse passageiro isola-

mento; em segundo lugar, não ficara tão só como dizia, pois a mamã, a sua bôa e querida mamãzinha, estava ali, com o seu melhor sorriso e a sua voz grave e musical, para o acompanhar na solidão.

— Então, Pedrinho, que é isso, e tu estás a chorar?

E o pequeno, querendo disfarçar, fingia limpar com o lenço um impertinente argueiro, que o incomodava.

Não estava a chorar... Mas tinha pena de não ir à festa, isso não o negava...

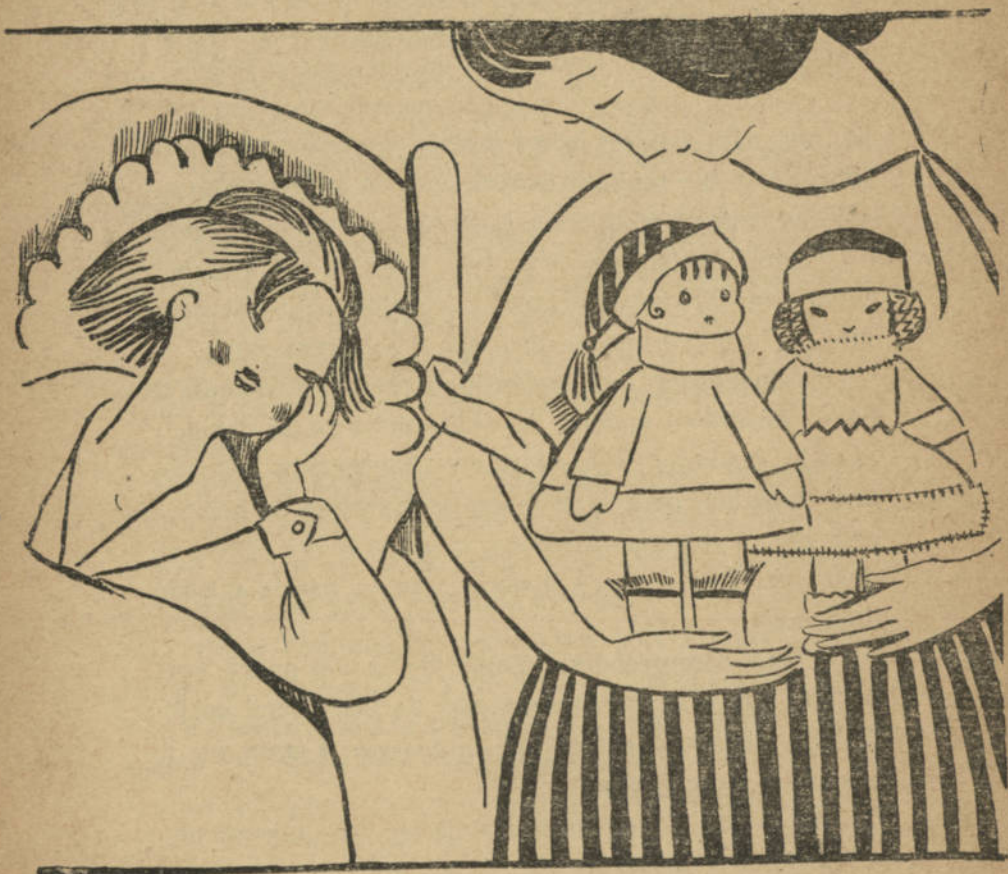
E a mãe, serena e sorrisonha, dispunha as suas coisas para o serão ao pé do doentinho, depois de ter ido à cozinha dar as ordens necessarias à velha Joana, para que a ceia não deixasse de estar na mesa quando regressassem da festa, apesar das outras criadas, como raparigas, terem também ido para o arraial.

Ficara igualmente o velho João Madeira, mas êsse já dormia a sono sôlto porque era sempre o primeiro a madrugar, ainda o dia lá vinha em casa de Deus verdadeiro e os galos mal começavam a tocar o clarim das suas vozes despertadoras.

A mãe do Pedrito acendeu o grande e solene candeiro dos serões, colocou-lhe com geito o grande quebra-luz de seda verde e chegou a mesa de costura mais para junto da cadeira do doentinho, dispondo-se a trabalhar.

— e Que está a mamã a fazer hoje? — perguntou o Pedro, curiosamente, vendo-a pegar em dois bonifrates de trapos e talhar com muito cuidado uns pedacinhos de pano.

— Estou a vestir êstes dois bonecos, como vês; é para



ajudar a viuva Teresa, que êste ano, — felizmente! — tem tido bôa venda dos seus bonifrates.

— ¿ Mas a mamã é que está a vestir os bonecos para ela vender? ¿ Então não valia mais dar-lhe uma esmola?!...

— Não. ¿ Tu não vês que isto que eu faço é um auxilio que não ofende a pobre mulher, antes lhe torna mais simpática a sua pequena indústria?... A esmola é um auxilio vexante para quem a dá como para quem a recebe.

— Sim, eu também acho isso melhor, mas a mamãzinha tem tão pouco tempo!... E como não era costume... por isso é que eu digo, não é para censurar.

— Sim senhor, está explicado o reparo, e eu ainda te quero esclarecer melhor. A mulherzinha esteve doente e quando melhorou veio cá, muito apoquentada, pedir-me uns trapinhos para fazer o seu fornecimento de bonecagem para a romaria. Ora como o tempo já era pouco, eu disse que fizesse ela os bonecos, que eu, para a auxiliar, lhos vestia.

«Como comprehendes, sempre tenho um pouco mais de arte que a Teresa viuva, apesar da sua natural habilitade. Os bonecos parece que agradaram; e tanto que se acabou o fornecimento.

«Aqui está o motivo porque ela me veio hoje agradecer muito o trabalho que lhe ofereci, e me participou que estava com a mercadoria toda vendida. Fiquei bem satisfeita! ¿ E não é verdade que tenho razão em me envaidecer com a minha obra?... — perguntou, sorrindo, e mostrando os bonecos: um interessante *par*, que ia entrajando enquanto falava.

— Que engraçados! Ó mamãzinha, quer fazer-me um favor?... — disse o Pedrinho, com empenho.

— Se não fôr impossível, farei.

— Dê-me êsses bonecos. Dar, não... diga à viúva Tereza que eu lhos compro com o meu dinheiro!

— Pois sim, mas repara que já não és menino de bonecos!...

— Mas êsses são tão bonitos!... E eu queria guardá-los para sempre... para toda a minha vida me lembrar duma acção tão boa da minha querida mamãzinha!

— Fico contente com a tua entusiástica homenagem. Daqui a pouco terás os teus *figurões* vestidos de ponto em branco.

“Vamos a baptizá-los... Não hão de ficar anónimos.

— Acho graça á mamã! O que eu queria era que estivesse sempre ao pé de mim; assim, nem me custaria nada estar aqui prêso, com esta malvada perna partida...

— Olha, Pedrinho, o melhor que tens a fazer é não pensar na tua perna. Foi um desastre que te sucedeu; já não há remédio. Agora resigna-te, e trata de ocupar o teu tempo, de forma que êsse mal até se torne um bem!...

— Um bem?... Isso é que não pode ser! Uma desgraça e um desespêro tão grande, que a minha vontade nem sei qual era!...

— Tolices! O remédio que tens é sofrer com paciência até estares curado e aproveitares o tempo que estiveres aqui prêso para ler, meditar, e tambem para te instruires e adquirires o hábito de viver de tua própria vida interior.

“Disseste há pouco, que desejavas que eu estivesse

sempre ao pé de ti, porque assim estarias distraído... Mas tu bem vês, meu filho, que isso seria uma tirania da tua parte! Eu não te pertenço exclusivamente, pertenço também a mim própria; aos meus deveres, como aos meus prazeres, e a todas as outras pessoas que nos rodeiam.

“Cada qual deve cuidar de ser útil a todos, mas nunca deixando de ser senhor de si próprio. E ninguém — sabes? —, seja por que pretexto fôr, nem mesmo o da doença, deve querer sacrificar ao seu prazer uma outra criatura. Assim, sem se violentar nem confranger, cada um nos dará o que puder dar-nos.

“Nada de despotismos, meu amiguinho, é muito mau princípio.

— Sim, mamã, compreendô que não possa estar ao pé de mim; mas eu é que gostaria muito, ficaria assim mais contente!

— Agradeço-te, mas desejo que te acostumes a estar acompanhado, principalmente, das tuas próprias idéas e pensamentos. Quando eu era pequenina, aborrecia-me muito quando me mandavam deitar cedo. Não tinha sono; não era de natureza de dormir muito, e suponho também que não me faziam ser muito madrugadora...

“Mas como me mandavam deitar, não tinha remédio senão ir, e então, sabes o que eu fazia até vir o sono? Compunha histórias, imaginava viagens fazia-me protagonista de aventuras extraordinárias, e assim ia fixando a Geografia e a Historia que aprendia nos livros.

“Vivia com todo aquele mundo que imaginava e nunca estava sòzinha, nem aborrecida.

— Mas para isso é necessário ter fantasia e saber muito!...

— Saber alguma coisa, e, sobre tudo, saber dirigir os nossos companheiros porque êles não fazem senão o que nós lhes mandamos... Não nos podem vexar com a sua sabedoria, que é só a que lhes emprestamos...

— Eu gostava de fazer o mesmo, mas não sei imaginar nada interessante.

— E' a coisa mais fácil dêste mundo! Ora vamos lá a experimentar. Põe a tua idéa numa pessoa que suponhas poderia existir e se existisse faria um certo número de coisas. Não te lembras de nada?

— Não!...

— Por exemplo, êstes dois *fantoches*... que, afinal, ainda não baptizamos. Comecemos, pois, por lhe dar estado civil. Como queres que se chamem?!...

— Eu sei lá! São os *senhores bonecos*!...

— Isso assim não tem geito. Ponhâmos-lhes uns nomes de bom agoiro. Ele será *Felício*...

— E ela *Felizarda*!...

— Ficam bem baptizados e com muita graça. Agora vamos a dar-lhe a vida que lhes falta e com a nossa própria alma criêmos-lhes uma alma, que os torne moralmente nossos semelhantes...

— Suponhâmos, por exemplo, que são dois viajantes infatigáveis, e narremos as suas aventuras e viagens.

— E' boa ideia. Mas para onde irás Braz, que te não perderás?!...

— Não te rias, porque a primeira condição para reali-

zar uma obra é tomá-la a sério. Eles vão viajar, está decidido, agora é preciso marcarmos o itinerário e prepararmos a jornada para que o nosso *Par de França* não tenha dificuldades.

— Pois bem, eu queria que fôsem a toda a parte, que palmilhassem o mundo de pólo a pólo, porque assim o ficaria também conhecendo.

— Está muito bem!... Mas queres que vão como viajantes estudiosos, ou como excursionistas, que apenas procuram divertir-se, ou ainda como exploradores, em busca de novas terras e de novos conhecimentos? E' necessário escolher. Bem sabes que há quem viaje como recreio, e quem faça disso um penoso dever.

“Já te tenho contado como viajantes célebres teem perdido a vida, e outros padecido mil torturas e sacrificios, para poderem trazer à humanidade culta a notícia da descoberta de uma porção territorial ou duma verdade científica. Há viagens que são verdadeiras tragédias, terminando pela morte dos audazes viajantes. Nenhum povo, mais do que nós, tem direito de orgulhar-se com a história das viagens de descobertas e explorações científicas. A nossa História está cheia de nomes que honrariam, cada um por si, uma nação orgulhosa. Lembra-te do que foi essa admirável e trágica epopeia das “Descobertas” que nos colocaram, a nós que eramos um pequeno povo da Península apertado contra o mar, na vanguarda de todos os povos da Europa, o primeiro e o que mais fez para ilustrar e dirigir a civilização moderna. Entre tantos que representam a glória do nosso passado, e também do presente, lem-

bra-te dessa figura interessante que foi Pero da Covilhã, mandado pelo grande e enérgico espírito de D. João II em busca da verdade sôbre o famoso Prestes — João, e por terra, do caminho para a Índia.

“Em que tempo e em que condições realizou êsse famoso português uma viagem que o levou daqui a Nápoles, a Rodes, à Alexandria, ao Cairo, ao Monte Sinai e a Aden, na companhia de Afonso de Paiva, que depois seguiu para a Abissínia, enquanto Pero da Covilhã embarcava para a Índia?! Este viajante, que tão largas e inteligentes notícias mandou para Portugal morreu, por fim, na Abissínia porque de lá o não deixou mais sair o soberano, mas não esqueceu nunca a sua Pátria nem o grande empreendimento em que andavamos então — de descobrir o caminho para a Índia e alargarmos, como alargámos, o mundo. Vê como ainda hoje os nossos homens não deixam que outros façam a que eles devem fazer e assim temos agora a prioridade da travessia do Atlantico pelos ares, com a certeza científica da derrota.

“A nossa literatura e a nossa historia estão cheias de descrições admiráveis de viagens, que devem ser lidas por toda a gente que bem queira à sua Pátria, como por exemplo essas maravilhosas “Peregrinações” do grande Fernão Mendes Pinto, que te ofereci no dia dos anos.

— E que já li com muito gôsto. Mas os *bonifrates* onde hão de êles ir?

— Dize tu onde os queres mandar.

— Não sei! ¿E se fôssem ao Pólo Norte? Há de ser

interessante fazê-los visitar essas paragens tão diversas do que nós conhecemos.

— Pois são precisamente essas viagens as que mais perigos e obstáculos opõem à natural ambição que o homem tem de conhecer o planeta que habita.

“Quási todos os países teem os seus mártires da exploração polar e nós, portuguezes, temos-lhe ligada indelevelmente o nome dos irmãos Côrte-Reaes.

“Tudo nos conduz a crer que foram estes intrépidos navegadores, os primeiros europeus que chegaram à *Terra-Nova* e à *Terra do Labrador*.

— Nêsse caso fomos nós os verdadeiros descobridores da América . . .

— Isso não padece a menor dúvida. Só os ignorantes ou os mal intencionados podem dizer o contrário.

— Então o que representa a acção de Cristovão Colombo?

— Representa muito; nem o saber-se que antes dêle já os portuguezes conheciam a América e que foi dos nossos trabalhos scientificos e navegações que tirou a certeza de poder realizar o seu feito, apouca a sua memória. Os individuos superiorizam-se pelos seus actos realizando uma obra, que é o conjunto de muitas energias e aspirações que a multidão sente mas não pode, por si, realizar.

— Mas com respeito ao Polo-Norte, li na *Minha-Pátria* que os irmãos Côrte-Reaes eram muito amigos, perdendo-se dois por irem, um atrás do outro, em expedições que desapareceram . . .

— Sim, o primeiro depois de vir a Portugal anunciar

a descoberta dessas terras, que depois se soube que era a *Terra Nova*, voltou com uma expedição, que se perdeu. Não vindo notícias dêle, o segundo, com nova expedição, foi em sua procura. E também êste não voltou. O terceiro irmão, desesperado com a falta dos dois quis organizar terceira expedição para ir á procura dos irmãos queridos, mas não lho consentiu o rei, que não queria perder inutilmente homens e dinheiro, quando tão precisos eram para as expedições e viagens em que se andava pelo Atlântico.

“Lá ficaram perdidos nas neves dessas terras inóspitas os dois Côrte Reaes e os homens que os acompanhavam. E depois dêsses aventureiros portugueses, quantos e quantos não teem sido vítimas da sua temeridade, e quantos mais se não teem perdido, nas regiões polares! Ainda eu era pequenina, em 1875 deu-se um dêsses desastres memoráveis, que nêsse tempo causou uma grande sensação em todo o mundo, que lê e segue estes factos scientificos: foi o desaparecimento do inglês John Franklin e dos seus companheiros. Partira de Inglaterra em missão scientifica em 16 de maio de 1845, com dois navios, desaparecendo nos desertos gelados sem que mais nenhuma noticia chegasse à Pátria. Em 26 de Julho ainda os dois navios foram vistos pelos baleeiros do mar de Bafim; depois... mais nada, o mistério absoluto.

“Os governos ingleses e americanos organizaram muitas expedições para irem procurar os heróicos exploradores, mas foi tudo baldado. Só oito anos mais tarde, quando todos já tinham desesperado de saber o seu fim, é que uma expedição organizada pela viúva do heróico John

Franklin conseguiu descobrir-lhes o rasto e chegar à triste certeza da sua morte inglória.

«O que esta senhora conseguiu encontrar, com a sua fé e a sua tenacidade, foi só a certeza absoluta do aniquilamento da expedição, tendo achado destroços dos dois navios, armas, relógios, e outros utensílios junto de esqueletos e de fatos europeus.

— «E isso passou-se no Pólo-Norte, na terra dos esquimaus?! Muito gostava eu que os nossos viajantes fôsem até lá ver êsses miseráveis homens pequeninos!... As viagens que tenho lido e as estampas em que aparece toda essa gentinha interessam-me muito. Devem ser muito desgraçados!...

— Desgraçados, sob o nosso ponto de vista, pois certamente para êles, como para todos os seres da criação, também a existência tem encanto e vale a pena vivê-la.

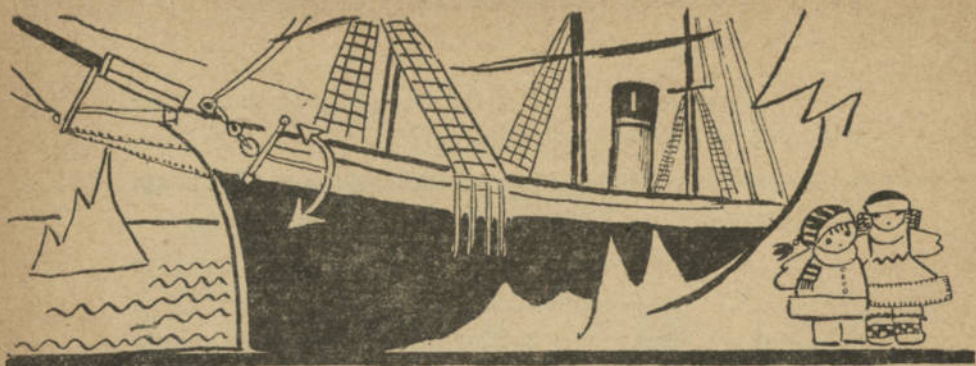
«Como não conhecem outra terra melhor há de parecer-lhe deliciosa a sua. Isolados entre os gelos com a miséria e a imundície, que os rodeia, as suas grandes distrações são as caçadas aos ursos brancos e à foca, que lhes é da melhor utilidade.

— Como há-de ser interessante que os nossos bonecos passem um inverno gelado na cabana dos esquimaus!

— ¿Queres então mandar até essas desoladas regiões os nossos dois exploradores?

— Visto que êles vão, sem fadiga, onde nós desejamos!...

— Pois seja. Lá os mandaremos, e de lá nos trarão algumas notícias interessantes.



PRIMEIRA VIAGEM

Na pesca do bacalhau

— Aqui temos os nossos heróis, excelentemente preparados para a sua primeira viagem. Repara, Pedrinho, na sua bagagem e, sôbre tudo, nos seus fatos de exploradores das regiões hiperboreais. Ambos com os seus gorros de peles, os seus casacos forrados, as suas mantas, as luvas de lã grossa e as polainas.

“Felizarda leva uma saia curta e muito cômoda e botas próprias para andar na neve. Assim abafados e arranjados, não se distingue fâcilmente o homem da mulher. São dois companheiros que se estimam e entendem maravilhosamente para a caminhada da existêcia.

— i Não é grande admiração entenderem-se bem... se êles não falam!

— ¿Então a fala foi dada aos homens para se compreenderem ou para se contradizerem?!..

— Não sei, mas parece-me que os que não falam teem menos motivos para zangas...

— Ora, meu caro Pedrinho! Essa nem me parece tua!... É porque a maior parte da gente não sabe o que diz. Mas os nossos dois amigos não falam senão quando teem alguma idéa a comunicar, e daí o só dizerem acertos...

— ¡Vamos lá a ver isso! Estou inquieto por os ouvir trocar as suas impressões de viagem...

Felício e Felizarda, viajantes infatigáveis e aventureiros, embarcaram, por especial favor, num dos muitos barcos que das costas de Portugal vão pescar o bacalhau aos *bancos* da Terra-Nova. Foram á Figueira da Foz porque ali tinham já velhos amigos entre os armadores que mandam barcos e gente à pesca do bacalhau e conseguiram lugares.

Os barcos não são dos mais cómodos, mas é preciso ter coragem e paciência desde que se quere empreender seriamente uma aventura destas. Sôbre tudo, é preciso viver com os que trabalham para saber avaliar quanto custam as cojsas de que nos servimos indiferentemente, quando as encontramos já prontas ao alcance da nossa vontade!

Assim o bacalhau, que foi durante muitos anos um dos alimentos mais usados entre as classes pobres, pelo seu preço modesto, dá canceiras e trabalhos infinitos a muitas centenas de homens, que vivem do perigoso officio



de o pescar. Em cada ano muitas vítimas podemos contar entre êsses pescadores corajosos.

“*Felício e Felizarda*, depois duma viagem magnífica, chegaram aos *bancos* da *Terra-Nova* no princípio da estação piscatória.

“Maio ia já quasi no meio quando os barcos portugueses chegaram ao lugar da pesca, os chamados *bancos* da *Terra-Nova*. Já lá estavam os pescadores da França, da Inglaterra e outros, procurando os melhores lugares, preparando-se para a faina da estação.

“Na formosa terra portuguesa deixavam a primavera, os campos cheios de flores, o sol ardente, as tardes longas e doiradas, as noites tépidas e pequenas, as mais curtas do ano; ali, iam encontrar a sombra, o nevoeiro, a tristeza duma região que mal acorda num fugaz estio e é logo sufocada pelo inverno que a não abandona.

“Os *bancos* da *Terra-Nova* não são, como se pode imaginar, montes de areia mais ou menos cobertos de água onde os bacalhaus vão depositar a criação, nada disto!

“É o mar largo, o mar fundo por onde os navios navegam à vontade sem perigo de encalhar. Nêstes sítios encontra-se, com a sonda uma profundidade de trinta até oitenta braças (1), mas em volta destes *bancos*, que tem pouco mais ou menos a mesma altura numa extensão de

(1) Braça: antiga medida de extensão correspondendo a dois metros, pouco mais ou menos.

oitenta léguas, é impossível encontrar-se o fundo. Daí o chamar-se *bancos* a estas elevações que são bem relativas.

“É aí que abunda o nosso muito conhecido e saboroso bacalhau, um peixe voraz e bastante grande, pois chega a atingir metro e meio de comprimento, e que tem, como sabes, grande procura no mercado, especialmente em Portugal. Salgado ou sêco, é alimento de muita gente, quasi universalmente estimado, mas em especial nos países meridionais. Do seu fígado, extrai-se o célebre óleo, tão usado na medicina para fortificar os organismos débeis, e que é o terror da criançada.

— Que horror! Só pensar nêle me agonia!...

— Mas como faz bem é preciso que todas as crianças fracas o tomem.

“Felício e Felizarda sabiam muito bem a utilidade daquela pesca e era com toda a atenção que seguiam os trabalhos dos pescadores dispondo-se para a faina. Não tencionando demorar-se toda a estação, acompanhavam as operações como quem tem que apontá-las na sua carteira de viajante e delas dar conhecimento ao mundo.

“Como os outros, também o seu navio foi prover-se do indispensável a uma pequena terra triste, que se eleva entre os nevoeiros e as sombras duma ilha.

“Felizarda, que adora a vegetação e ama sôbre tudo as grandes árvores, sentia-se oprimida e tristonha vendo a nudez desolada daquela região. Nem uma árvore, nem um campo verde e largo onde repousar os olhos, nem uma flor! Quando muito uma vegetação arbustiva, raquí-

tica e desbotada, a crescer nas rochas, que se elevam do mar, sempre embravecido.

E, no entanto, ali vive gente que pouco mais ou menos se julga feliz e nêem sequer pensa que o mundo possa ser melhor e mais bonita a Natureza em outras regiões!

Contentam-se com a alegria de cada verão, quando a chegada dos pescadores lhes traz nova vida e lucros certos pãra o resto do ano.

Vendo passar nas ruas os seus conterrãneos, barulhentos e expansivos, Felizarda, que se encostara à janela do albergue que tinham procurado, chamou Felício e disse-lhe com certo assombro:

— ¿Como podem êles estar satisfeitos nêste clima que nos enche de tristeza e tédio? Como não pensam que lá ao longe, na nossa terra encantada, deixaram tanta beleza e tanta luz!?

Melancólicamente lhe respondeu Felício:

—Não pensam senão na hora presente, e, quando muito, na alegria da volta. O trabalho dá-lhes alegria e a energia precisa para o realizar. ¡Estavam arranjados os que trabalham e emigram se pensassem sómente no que deixavam! ¡Então não teria havido civilização alguma nem os nossos mareantes teriam descoberto o mundo novo!

“Se êstes teem aborrecido e difícil labor, o que dirás tu dos mineiros, toda a vida debaixo da terra, nessas tocas e galerias profundas, sem ar nem luz?!

— Sempre que se fala na tristeza da vida dos que trabalham, tu vens logo com os teus mineiros!

— O que queres tu, minha amiga, se para mim não

há maior horror do que êsse viver no interior da terra, sem ver a terra nem o sol?!

«Aqui temos a morte ao pé de nós, mas ao menos vê-se o perigo...

— Grande consolação, vamos andando!...

Os pescadores acabavam de fazer as suas provisões e dirigiam-se para os barcos, chamando os retardatários. Felício e Felizarda desceram depressa, pagaram o seu almoço frugal, e embarcaram também.

Daf a pouco faziam-se ao largo e a terra com a sua casaria e os seus rochedos a pique desaparecia na névoa, que sempre existe naquela região.

Escolhido o lugar para a pesca pelo experimentado capitão, os navios põem-se de *capa* sôbre um mar profundo e tempestuoso, rodeados pelas névoas e fustigados pelas chuvas amiudadas. Para que a faina não pare nunca, aquele punhado de homens, que para trabalhar e lutar se juntaram e irmanaram, ali ficam semanas e semanas, revezando-se durante as vinte e quatro horas do dia para que a labuta não pare nunca, sempre iluminados pela clara e frígida luz dum sol polar.

O primeiro cuidado, logo que o navio escolhe sítio e deita ferro, é preparar tudo para a pesca. A's bordas da embarcação são ligadas cordas que caem bambas sôbre a água e destas pendem outras, em linha vertical, em que estão seguros os anzois e a isca, quasi sempre preparada com a carne do *capelão*, um pobre peixe que vem na primavera a fugir do bacalhau, que faz dêle o seu melhor *petisco*. Apanhado pelos pescadores da Terra-Nova, é ven-

dido aos pescadores estrangeiros que o aproveitam pa a chamar e iludir o seu perseguidor, nesta luta temerosa pela vida que todos os seres da criação sustentam entre si, tanto faz que o seu elemento seja o mar profundo, a terra firme, ou a vestidão do ar. O homem servindo-se da intelligencia, que é a sua força, aproveita os próprios vícios e costumes dos que quiere vencer, chamando-os pelo engôdo de lhes dar o que procuram.

“Felizarda, debruçada na amurada do navio, ria-se muito com as considerações que sôbre êste ponto lhe fazia o seu companheiro e via com assombro a rapidez com que os homens, postos á faina, levantavam a cada momento as cordas, retiravam os grandes peixes prateados seguros pelo anzol, substituíam immediatamente a isca, e tornavam a lançá-la ao mar.

“Ao lado, outros companheiros com largas e bem afiadas facas abriam os peixes ao meio, extirpavam-os e punham-os em pilha, depois de salgados e esfregados com sal ao longo da espinha.

E aí ficavam aqueles homens durante dias e dias, semanas e meses, sempre na tolda, sempre no trabalho, encharcados até aos ossos, cobertos de gordura e de sangue, respirando um cheiro infecto, rodeados de restos do pescado e dé porcaria; sem tempo para se limparem, nem para limparem os navios, de que, em geral, os marítimos são orgulhosos e gostam de ver bonitos e asseados. Muitas vezes acontece que os pescadores se ferem com as espinhas infectadas, chegando alguns a sofrer amputações de dedos e mãos.

“A alimentação destes robustos trabalhadores do mar é quanto possível sóbria, sendo proibidas as bebidas alcoólicas, pelos males que lhes podem causar. O peixe fresco não falta e há sempre cuidado em poupar os viveres de conserva porque nunca se sabe quanto tempo poderá levar a estação de pesca.

“Apesar de todos os incomodos e perigos, não há grandes doenças, porque o ar livre e o próprio trabalho dão vida e dão saúde. Entré os prazeres e a vida ociosa das grandes cidades de luxo talvez ainda haja mais doenças e mortes.

“A's vezes, o peixe não aparece em volta dos navios e é necessário destacar alguns barcos que vão, com dois ou três homens cada um, pescar mais longe, onde o balthau passa aos cardumes. Mas quantas e quantas vezes o mar não se torna rápidamente furioso, a névoa não escurece tudo, e a pobre embarcação, desviada do seu caminho, afastada dos navios que são um mais forte abrigo, não é levada para longe... para o deserto de água e de névoa, para a morte?!...

— Pobres homens! E as famílias sem saberem do destino que os arrasta para tão triste fim!—Interrompeu o pequeno.

— Que queres, Pedrinho, a vida é assim mesmo e a morte é apenas um incidente, a que todos estamos sujeitos. Mais cedo, mais tarde, de desastre ou de doença, a questão é saber aceitar com firmeza e serenidade a hora que vier. Mas continuêmos:

“Os nossos viajantes começavam, porém, a aborrecer-se assistindo à faina que não parava na tolda do navio, e

cada vez se ia tornando mais repugnante pela falta de tempo para ser limpo a preceito, como é costume.

Felizarda, já ansiosa por saír do navio, não deixava de ir fazendo os seus comentários:

—|E pensar que um bocado de bacalhau sem importância, representa tanto trabalho e tanto sacrificio!

—|Sem importância é que não é; tem até muita!... Mas agora que aqui estamos, tão perto da morte, já pensaste, Felizarda, como são corajosos os homens! Vê como êstes pescadores encañam os perigos que os rodeiam sem medo! Sujeitos *á má cara* do senhor mar, que dum momento para o outro os pode engulir, nem por isso deixam de folgar nas horas vagas, pensando com saudade, mas sem desespero, na florída terra de Portugal, na família, nos filhos, que dum momento para o outro podem ficar órfãos!..

—E de que vale pensar nisso, meu caro amigo, se nós somos dois pobres bonecos de trapos que nada podemos fazer?!

—Nós não, mas alguns meninos dos que mais tarde hão de ler as nossas aventuras podiam muito bem reclamar dos governos um serviço perfeito nos observatórios para que os temporais fossêm registados e os pescadores se acautelassem a tempo.

—Lá isso é verdade! Os meninos de hoje são os senhores e as senhoras de amanhã e quando fóssem grandes podiam muito bem trabalhar para que as terras da beira-mar tivessem um serviço completo de *salva-vidas*...

—E que todos os homens que teem um serviço tão

arriscado, tivessem um seguro de vidas para deixarem às famílias.

— ¿ Isto não será pedir muito não achas? . . .

— Pelo contrário, é pedir apenas a obrigação de fechar bem a cadeia da vida e cada um, compenetrado do seu dever e sem sair da sua posição, defender os seus interesses e os da família, que é a certeza do futuro!

— ¿ Mas de que serve o que nós dizemos, se ninguém nos atende nem sabe compreender os nossos bons pensamentos?! . . .

— ¡ Como os homens se iludem imaginando-nos insensíveis! Continuemos a prestar atenção ao trabalho dos nossos companheiros, porque ouvi dizer ao capitão que era necessario mandar alguém a terra, e sendo assim, nós podemos ir também para continuar a viagem, pois daqui já levamos que contar ao amigo Pedrinho. . .

— Já agora que estamos aqui não desgostava de ver os estabelecimentos que os inglêses teem para a secagem do bacalhau e extracção do óleo dos fígados; o capitão disse ontem que é uma coisa bem interessante e digna de ver-se. Em algumas terras, como a baía de S. Jorge, toda a população se emprega neste trabalho.

— Ora, minha querida, a baía de S. Jorge é na Nova-Escócia, que já nos fica para trás; o que nós queremos agora é ir para a frente, para as regiões polares, onde o Pedrinho nos quís mandar. Demais, o que tem que ver toda essa população vivendo na faina de cuidar da secagem e pesca do bacalhau? É em ponto grande, o que nós vemos aqui. A extracção do óleo dos fígados do bacalhau

chega a ser repugnante pela forma porque se faz. Ontem, um pescador, explicou-me bem. Olha: os fígados são lançados numa claraboia onde fermentam, escorrendo para uma cuba que está enterrada; daí é que o óleo é tirado para barris e mandado para fóra para ser limpo e vendido em todo o mundo.

— Também me disseram que o melhor bacalhau é o que é sêco mais ao vento e ao frio do que ao sol...

— Pois é verdade! O vento e o frio seca-o e enrija-o, e o sol amolece-o e cose-o, por assim dizer.

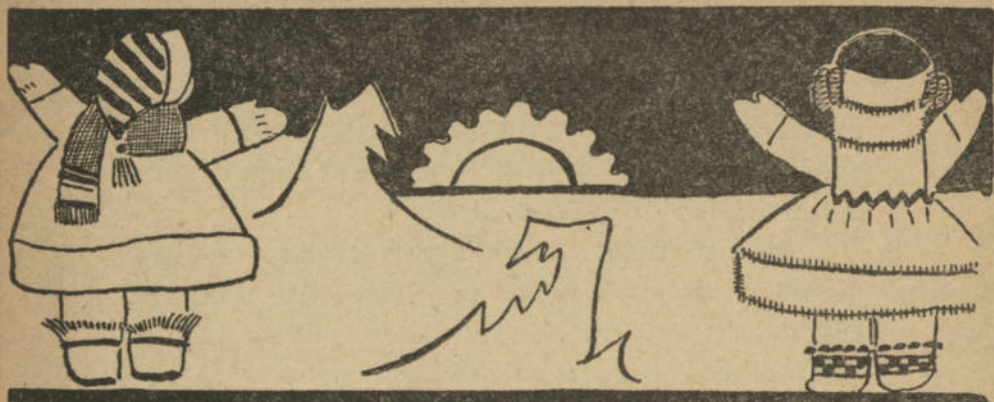
— Talvez por isso é que ouvi já dizer à cozinheira do Pedrinho, que o bacalhau português era muito mais macio...

— E de menos *fundição*, mas talvez mais saboroso... Também eu ouvi. Agora não sei se é verdade, que esta gente sempre gosta de gabar o que é da sua terra ou arranjado pela gente do seu país!...

— E achas mau? Pois acho que assim é que deve ser, cada um deve defender e amar o que é seu.

«Assim conversando e filosofando passavam essas horas intermináveis, até que na primeira ocasião em que o Capitão mandou a terra eles aproveitaram o ensejo e foram também, com a intenção de seguir viagem.





Na terra dos gelos

“Mal chegados a terra souberam que uma missão científica que se organizara no Estados-Unidos para ir ao Pólo-Norte era recebida na Terra-Nova com todas as honras pelas autoridades inglesas que lhe forneciam tudo quanto necessitavam.

“Os companheiros, depois de se terem limpo e preparado, apresentaram-se ao comandante, que, achando graça ao esperto pázinho, consentiu em levá-lo na sua companhia, contando que divertissem um pouco os seus homens durante a longa noite polar. Demais, pela sua qualidade de *bonifrates*, estavam livres de reumatismo, do escorbuto das pleuresias e mais doenças terríveis, que vitimam os que se atrevem a arrostar com as temperaturas dos pólos.

“Os dois amigos e alguns magníficos cães adquiridos na Terra-Nova seriam a alegria da marinhagem durante as incomportáveis horas de isolamento e de saudade a que se iam sujeitar, — pensava o Capitão.

“Posto ao largo, o navio dirigiu-se logo para a baía de Baffin, e no fim duns poucos de dias duma navegação custosa encontrava-se no meio das montanhas de gêlo, vulgarísimas em todas as vizinhanças dos pólos, que se chamam *icebergs* (1).

“Estavam na baía de Melville. Ai a névoa que os ia já envolvendo aumentou e o tempo tornou-se medonho. O capitão pensou em amarrar o navio a uma dessas montanhas, mas quando, depois de muitas horas de trabalho, conseguira o seu desejo, notou com aflitiva surprêza que do cimo do *iceberg*, a que estava ligado, começavam a cair pedaços de gêlo. Conhecedor da região que atravessava, compreendeu logo o que era e mandou desamarrar depressa o navio, afastando-se a toda a velocidade para o largo.

“Foi a tempo, pois logo a seguir o gêlo fundia-se pela base e o *iceberg* desmoronava-se com um estrépido enorme.

— Felício — disse a bonequinha ao ouvido do seu com-

(1) Lê-se *Aicebergs*: Bem tristemente celebrizadas nos últimos tempos pelo desastre, que ainda está na memória de todos, do grande trasatlântico “Titania” despedaçado pelo choque duma dessas montanhas flutuantes formadas de gêlos, que se desprendem na época de verão e entram no mar largo como uma avalanche, cheia de perigos para a navegação.

panheiro — que admirável espectáculo, e como, apesar de todos os perigos, se compreende a paixão dos grandes viajantes pelas aventureas explorações e o encanto com que as crianças leem as descrições de viagens!...

— As crianças e os grandes, verás como todos terão gôsto em conhecer as nossas aventuras!...

— ¿Não gostavas mais de ir num bom vapor ver o sol da meia noite ao *Spitzberg*?

— Gostava de ir ver, sim, mas é um espectáculo apenas, não é como aqui o perigo e a morte a valer rodeando-nos por todos os lados, e tornando-nos a vida mais preciosa. O que nós passamos e sentimos aqui não seria capaz de o passar a maioria dos que viajam só para dizer que viajaram e não querem encomodar-se muito...

«A embarcação ia avançando difficilmente, tendo de partir os gêlos para poder caminhar um pouco em cada dia. Por fim o frio aumentou e a água completamente gelada não deixou mexer-se mais o pobre navio que ficava ali, como uma baleia estendida de papo para o ar, sôbre o deserto gelado.

«O capitão, vendo que era impossivel ir mais para a frente, tratou de acomodar a sua gente e preparar-se para o largo inverno que ia principiar.

— Apesar de se estar ainda em Setembro, o mês dos poentes de ouro, das fartas vindimas e das romarias e feiras em Portugal!... — suspirava a mulherzinha de trapos, recolhendo-se dentro das peles com que a tinham protegido dos rigores invernais.

«Felício e Felizarda, sempre ao lado do capitão, admi-

ravam sem se cansar o encanto dessa paisagem duma alvura imaculada, e ouviam com toda a atenção as lições que êle lhes ia dando, como experiente no assunto.

«Nos contos maravilhosos da velha Mariana Abre tinham ouvido algumas vezes falar em montanhas de cristal que brilhavam fantasticamente em países de sonho, mas ali era a realidade, era a vida. Uma vida que parecia a morte e a desolação, mas que era ainda o trabalho poderoso da Natureza.

«Um dia perguntou Felizarda ao seu grande amigo capitão, fitando-o com os seus olhinhos de retrós preto:

— Porque razão há entre as montanhas que nos rodeiam umas tão límpidas e transparentes como vidro e outras espessas e opacas como se fôsem de leite?

«O bom homem sorriu-se e, mandando buscar dois pedaços de gêlo que representavam a diferença notada pela sua interlocutora, fez derreter cada um em sua vasilha. Depois deu-lhes a provar a água e esperou com ar de riso o resultado da experiência. Enquanto uma era perfeitamente doce e propria para beber, a outra era salgada como toda a agua do mar e fez com que a bonequinha franzisse, numa expressiva careta, o rosto engraçado.

«O capitão depois de rir com vontade do engano que fizera, explicou-lhes pelas leis da fisica, que êles não conheciam, mas que já não tinha segredos para o Pedrinho, que a água pura gela como a outra, mas fica sempre transparente e passa rapidamente ao estado líquido. Os gelos da água salgada, formando montes, distinguem-se dos outros por serem mais opacos e duma brancura esplendente,

porque o sal que se conserva nos seus interstícios produz êsse efeito diferente e maravilhoso à vista.

“O comandante que fôra em tempo capitão de navios baleeiros, e conhecia como os seus dedos os mares polares até onde teem sido visitados pelos homens, afirmava-lhes, apontando para todas essas montanhas, que em vindo a primavera as veriam mover-se e caminharem como se tivessem pés, indo despedaçar-se umas contra as outras e, tornando-se a unir, formaram o que os marinheiros inglêses chamam *hummockes* e formam êsse *denizado* especial que dá um aspecto tão estranho à paisagem polar. Um dia contou-lhes a impressão tremenda que tivera vendo um navio entalado entre dois montes de gêlo que se chocaram instantaneamente, estampando a embarcação, homens e tudo que continha, com a mesma facilidade com que uma criança estampa uma flôr dentro dum livro de estudo.

“!E que grandioso livro de estudo êsse que a Natureza abria deante dos seus olhos extasiados!

“A pouco e pouco, com o avançar da estação hibernosa, a luz do dia ia esmorecendo, a sombra crescia gradualmente, começando nos vales, e subindo, até que chegava já aos cumes brancos das montanhas.

“Em Novembro as trevas mais completas envolviam a terra. Já não havia manhã nem dia, as estrêlas brilhavam sempre na noite gelada. O sol escondera-se num esmorecimento gradual para só voltar cento e quarenta dias depois! Dentro do navio não se apagavam as lâmpadas, que davam uma triste claridade na eterna noite.

“Todos se sentiam oprimidos, os próprios animais mostravam compreender a desolação das trevas que os envolviam. Os cães que tinham trazido da Terra-Nova pareciam loucos, vivendo funebremente.

“Só Felizarda, muito lépida e engraçada, era o entretenimento daqueles pobres cativos, que ali estavam em nome da ciência, soberana autoridade iniludível, com uma coragem e uma fé que verdadeiramente engrandece o ser humano.

“Nas horas de recreio os dois aventureiros companheiros contavam as histórias da sua terra de moiras encantadas, de romarias e feiras brilhantes, diziam o que era o esplendor das tardes em que o céu parece todo de ouro e de rosas e o mar, sem uma ruga, semelha um grande espelho. Às vezes, os dois em côro levantavam as vozes esgançadas de pequenos *fantoques* e cantavam lindas quadras saudosas num fado sentimental. Recordavam as noites de luar e as fogueiras de São João, outras vezes repetiam as alegres canções do povo em festa, cantando e dançando ao som da viola.

“Muitos marinheiros sentiam os olhos cheios de lágrimas, sem explicarem porquê; outros queriam saber o que significavam essas palavras tiradas com tanto sentimento dos seus peitos nostálgicos.

“¿O que significavam?

“Eles não o sabiam. Eram versos simples que o povo arranca da sua alma apaixonada e doce; eram canções de saudade e magoada tristeza ou toadas vivas para fazerem dançar a mocidade e alegrar os velhos.

« Uma noite, noite é modo de dizer, porque a noite é sempre a mesma durante os longos meses de inverno daquela região, isto é: à hora em que costuma ser noite em qualquer parte e era a marcada pelo capitão para cada um dormir no acampamento improvisado, Felício notou com alegria que de fóra vinha uma certa claridade estranha.

«!O dia a despontar, não podia ser, porque a estação mal ia em meio!... Curioso, correu à tolda e a sua surpresa, e o seu assombro foram enormes com o espectáculo que se lhe deparava! Era uma *aurora boreal*, logo o compreendeu, mas nunca suposera que fôsse tal maravilha, espectáculo tão extraordinário! Chamou a sua pequena companheira, que veio logo correndo, seguida pelo cão *Terror*, um dos que tinham sido adquiridos na Terra-Nova e ao qual o capitão pusera êsse nome em memória do navio do grande explorador inglês John Franklin, e que se tornara o maior amigo da gentil boneca.

«Felizarda abriu a bôca e ficou extasiada, sem poder dizer coisa alguma, tal era a comoção que tão belo espectáculo lhe causava.

«No horizonte erguia-se, duma brancura resplandecente, um arco imenso donde saíam raios de todas as cores do prisma, desde o violeta e o azul até ao verde e ao vermelho púrpura.

«As montanhas, as agulhas, os *icebergs*, as planícies de gêlo, coloriam-se de todas as cores do arco-iris em que se tornára o céu.

«Era um deslumbramento, uma coisa fantástica. Só nos contos de fadas se falava em maravilhas semelhantes.

Umam vezes as colunas de luz safam do arco brilhante, outras elevavam-se simultâneamente doutros pontos do horizonte e vinham juntar-se à grande massa luminosa, num mar de chamas agitadas por ondulações rápidas.

“Felizarda batia as palmas e saltava num grande contentamento.

— Que tal?! — disse-lhe o capitão, que subira também atrás dêles — Não achas melhor êste fogo do que o da romaria da tua terra?

— Por certo! Se o Pedrinho pudesse ver êste, não teria pena nenhuma de não assistir ao fogo preso e aos foguetes de lágrimas lá da festa.

— O pior — respondeu Felício — é que não temos aqui os romeiros a cantar e a dançar, as filarmónicas, o calor, a alegria da nossa festa e a beleza da nossa terra.

“Isso é que também era a verdade.

“E todos concordaram em que não há espectáculo, por mais grandioso e belo, que faça esquecer a paisagem e os costumes da terra em que se nasceu e à qual ficam ligadas as recordações dos primeiros anos, que são as mais fortes.

“Não há nada que se compare à nossa Pátria.





Uma visita inesperada

“Numa ocasião em que alguns dos exploradores tinham saído para dar uma volta nos *trenós*, puxados sem fadiga pelos cães, para procurarem caça, encontraram, de volta ao acampamento, uma quantidade de criaturas que, trepidas às montanhas fronteiras, aclamavam com gestos e gritos estridentes os exploradores.

— *Hoah-ha-ha!*

— *Kā, kā ah! Ka kááh!*

“Era só o que se percebia de todo aquele vozear sem nexo.

“Felizarda apertava o braço do companheiro e com o narizinho de fora da gola do casaco de peles e a cabeça escondida no passa montanhas de lã, perguntava curiosa o que queria dizer aquilo.

“O comandante sorriu-lhe e respondeu de boa sombra.

— São amigos que nos vem visitar.

— Amigos aqui? E já conhecidos?!

— Conheço êstes ou outros parecidos. Conheço-os até muito bem, porque tive muita ocasião de ter relações com êles enquanto fui capitão de navios baleeiros.

— Como se chamam; donde veem?

— São os *Esquimaus*.

— O quê, ç os homenzinhos pequenos?... Ainda bem que os vamos conhecer, pois o Pedrinho muito contente há de ficar quando lhe dermos notícias dêste povo, que lhe desperta uma tão grande curiosidade!

“Os visitantes foram recebidos nos navios com toda a cordialidade e em pouco tempo eram todos amigos.

“Pequenos de estatura, pois é raro que se elevem acima de um metro e sessenta centímetros, não se pode dizer que não sejam proporcionados.

“As suas caras largas e chatas, os olhos pequenos, a bôca rasgada e um nariz que não é muito grande, não os faz apresentar ao nosso gôsto artístico como criaturas de graça e de beleza.

— Não são o verdadeiro tipo da formosura humana, — dizia o Felício torcendo o narizinho atrevido.

— E se juntares a êsses traços fisionomicos a côr de azeitona que teem os seus rostos, os cabelos escorridos, e quási nenhuma barba que os homens apresentam, porque se entreteem a arrancar os pêlos à proporção que lhes veem nascendo, muito menos os poderemos classificar como modelos de beleza.— Respondeu rindo o imediato do navio.

“Sempre besuntados de óleo e de gordura, o seu cheiro é particularmente repugnante, porque êste pobre povo inferior não tem a noção do mais rudimentar asseio.

“São em geral muito gordos e sanguíneos, devido à alimentação quási exclusivamente gordurosa que procuram, e que é uma necessidade absoluta nas regiões álgidas em que vivem.

“Com êsse abafo natural e as peles de que se vestem, resistem perfeitamente aos frios mais rigorosos.

“Dentro das cabanas, muitas vezes cavadas na própria neve, o fogo não se apaga nunca, de modo que conseguem temperaturas tão elevadas que podem andar nus da cintura para cima, dentro das suas casas.

“O fumo e principalmente a porcaria e o cheiro tornam estas habitações verdadeiramente insuportáveis para quem não está habituado.

“Felício estava admirado de quanto via e ouvia, e Felizarda dizia-lhe, ao ouvido, que reparasse bem para as caras enjoadas dos europeus, que não podiam disfarçar a repugnância que o cheiro nauseante dos hóspedes lhes causavam.

— ¡Felizmente que nós não temos olfacto! — dizia graçejando — com êle tem os homens deliciosas sensações, mas também apanham dêstes maus bocados... ¡Que grande vantagem em sermos de trapos!... — e riam a bandeiras despregadas.

“Os esquimaus vinham à pesca das focas que tinham naqueles sítios um ponto de reunião conhecido dos caçadores,

“Como a carne de fóca é quási o seu exclusivo alimento durante a maior parte do tempo, preparam-se durante todo o ano para a pescar ou caçar, pois de ambas as maneiras é apanhado o útil e inofensivo animal.

“Para os esquimaus a foca é uma verdadeira providência: da sua carne fazem o seu principal alimento; com o óleo que extraem da sua gordura é que iluminam as casas; da sua pele vestem-se, calçam-se, fazem as tendas e os leitos. Aproveitam-lhes os dentes, e até os ossos servem para os utensílios necessários à sua vida rudimentar.

“A pobre fóca inteligente e tímida, também se sabe defender, principalmente quando é mãe, mas os ursos e os homens fazem-lhe uma guerra de extermínio, que em breve as fará desaparecer da superfície da terra, como tem acontecido a outras espécies de animais.

“As focas comuns não teem geralmente mais de um metro de comprimento, mas àlêm dessas, há muitas qualidades de que Felício e Felizarda viram alguns exemplares.

“Entre todos o que lhes fez mais impressão, por assim dizer lhes causou um verdadeiro sentimento de respeito, foi quando puderam observar dois grandes *morsos*, ou *vacas marinhas*, que apareceram perto do acampamento e mal presentiram a gente, mergulharam logo para reaparecerem fora do alcance das balas.

“Os seus enormes dentes derrubados davam-lhes um aspecto diferente do das outras focas mais vulgares, e que não era nada tranquilizador. . .

“Os equimaus ficaram contrariados, mas iam-se con-



tentando com o que podiam caçar, satisfeitos da companhia inesperada que o acaso lhes deparara.

“Uma das coisas que mais admirava Felizarda era ver que as mulheres esquimaus, não só desempenhavam todo o serviço doméstico como aguentavam os trabalhos mais pesados da tribo.

“Eram elas que carregavam com a pesca quando os homens chegavam, que retiravam os barcos e os punham em segurança, que cortavam e arranjavam a carne das focas, que acomodavam os utensílios... As mulheres são neste povo os verdadeiros animais de carga dos homens, que, depois da pesca ou da caça, em que elas também os auxiliam, passam o tempo a dormir e a comer.

— Vês, pequenina Felizarda — dizia-lhe, para a arreliar, o companheiro — como as mulheres são aqui criaturas inferiores?...

— Pelo contrário! Se não fôsem elas, o que seria dos homens a quem as pobrezinhas fazem tudo?! — respondia, espevitada e vexada, a bonequinha galante.

— Não se pode dizer que os homens dêste povo sejam muito amáveis para com as suas companheiras, isso não...

— E ria, ria de gosto para a arreliar.

— Pois já assim se compreende a razão por que esta raça está decrépita e quasi a desaparecer na ignorância e na miséria — respondeu-lhe toda lépida e desenganada.

“O comandante, que percebera a conversa pelo remoque, sorriera, e chamando os dois pequenos companheiros para junto de si contou-lhes muitas histórias da triste vida daquela miserável gente perguntando a Felizarda se já

vira as bonecas, suas colegas, usadas pelas crianças esquimãs. Prometeu-lhe arranjar um exemplar para recordação, o que muito alegrou a pequena viajante.

“Os marinheiros descobriram um dia, na arrecadação do navio, uma caixinha de música e começaram a tocá-la numa ocasião em que os esquimãs lhes faziam uma visita.

“Foi um assombro!

“Todos queriam ver e tocar naquela misteriosa caixinha, rindo como grandes crianças ouvindo os sons harmônicos que saíam do pequeno instrumento.

“E assim ia decorrendo o tempo, com poucas alterações e novidades, além da caça ou da pesca, o que, no fim de contas, à força de repetido, também se tornava monótono.

“A vida na colônia era esperar, deixar correr o tempo até chegar o sol, e com êle a estação própria para continuarem os trabalhos de exploração.





A chegada do sol

“Entre as curiosidades e perigos daquela hibernagem polar não era dos menores a aparição freqüente de grandes ursos brancos que vinham røndar ameaçadoramente, ora as habitações esquimaus, ora o acampamento expedicionario. Alguns incidentes se deram, uns cómicos, outros trágicos, que se tornavam para os dois motivo das discussões e conversas, que muito entretinham toda aquela gente, entristecida por um clima que esmaga e oprime os caracteres, ainda os mais bem dotados.

“Só os dois companheiros conservavam o inalterável bom humor, sem sentirem fadiga nem doença, o que não admirará muito, a quem conhecer a sua origem.

“O frio ao ar livre costumava ser intenso, e a escuridão só era cortada pelas auroras boreais, pelas estrélas

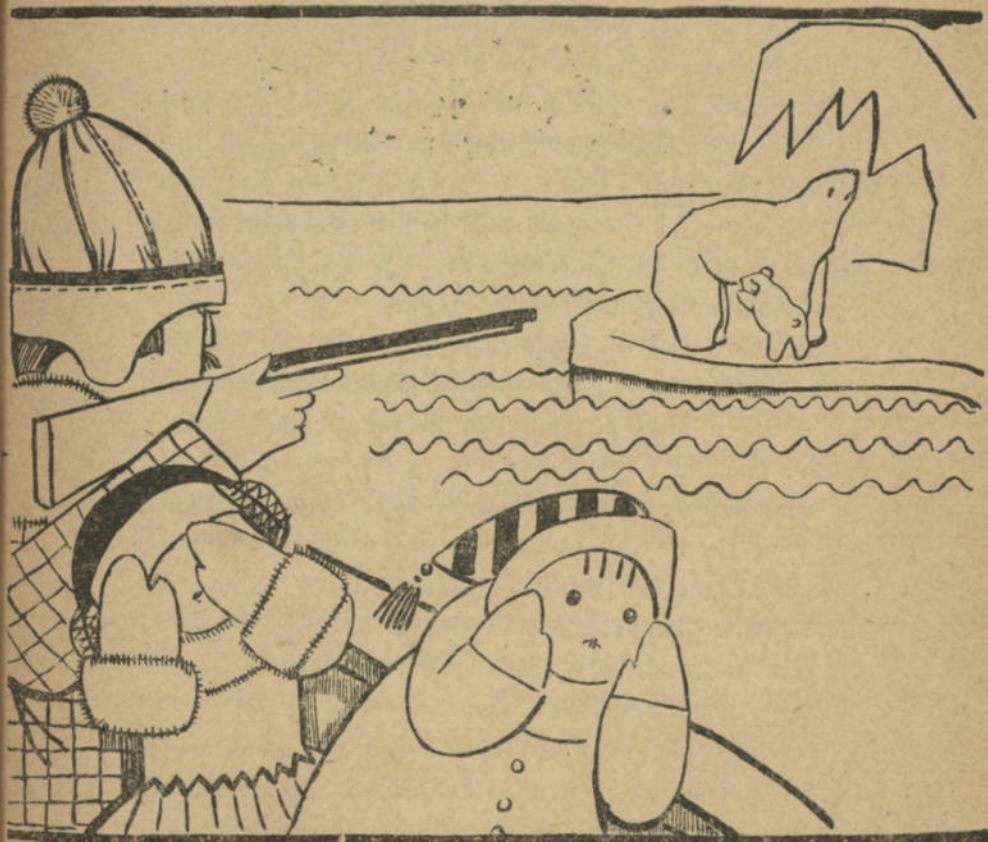
brilhantes, e pela lua, às vezes cercada dum halo de luz, que vinha ainda tornar mais melancólica a paisagem gelada.

“A marinagem lutava valentemente com o tédio daquelas horas intermináveis, ora patinando na superfície lisa do gêlo, ora caçando ou fazendo excursões pelos arredores.

“A biblioteca de bordo era também um precioso auxiliar para conservar os espíritos distraídos, mas como não se podia renovar, em breve ficou esgotada a leitura. Contavam as suas histórias e todos tinham que dizer aventuras próprias e alheias.

“Uma ocasião em que estavam reunidos e já dispostos a acomodarem-se para o serão, sentiram gritos aflitivos, que vinham de fora. Entre-olharam-se apavorados, e mais apavorados ficaram notando a falta de um dos seus homens. Correram armados cada um com o que tinha à mão, e puderam assistir com horror à perseguição feita por um grande urso branco a um dos marinheiros, que se tinha afastado do acampamento.

“O homem corria, e o urso, quasi sôbre êle, pouco lhe faltava para lhe deitar as garras. Então o perseguido atirou-lhe as luvas, o que fez parar o animal a farejá-las, mas foi um instante apenas! Depois atirou-lhe a pêlica e o casaco; emfim foi-se despindo enquanto corria, para ir entretendo a fera, que para o fim já não fazia caso dêsses presentes. Num instante ficaram frente a frente e o marinheiro, na mais angustiosa alicção, deu-lhe tal pancada no nariz, que é o ponto mais vulnerável do feio bicho, que o monstro ficou atordoado.



«Nêste instante os expedicionários apareceram e o urso, amedrontado, voltou-lhes as costas e deitou a galopar pelos gêlos fora, não sem levar uma saraivada de balas, que, já não o apanharam, pois corria a bom correr.

«Felizarda viu também uma ursa branca e um ursinho, que brincavam alegremente numa ilha de gelo, vizinha do seu acampamento. Chamou o capitão para lhe fazer notar a graça e meiguice daquela mãe para o pequenino, mas o capitão é que lhe não achou graça nenhuma e mandou logo seguir uma canôa para os caçar.

«A mãe, mal se apercebeu da proximidade dos homens, mostrou-se inquieta e agitadíssima cobrindo com o seu corpo o filho pequeno, como quem compreendia o perigo.

«Os caçadores descarregaram as espingardas todas a um tempo e ela rolou pela neve que tingiu do vermelho do seu sangue; o pequeno atirou-se sôbre o cadáver da mãe soltando lamentos comovedores.

— O pobre órfão, — disse Felizarda com pena para o capitão — se soubesse não o avisava!

— Olha, amiguinha, às vezes temos que ser crueis; é a própria Natureza que nos leva para a luta brutal da vida em regiões como estas. Admirada devias tu ficar quando visses os homens em plena civilização, sem necessidade de ser violentos e maus, serem tão ferozes, verdadeiras feras tanto para animais como uns para os outros.

— Pois sim, sim, capitão, mas sempre era a mãe do ursinho, que sofreu tanto com a sua perda!...

“Chegou-se por fim ao mês de Janeiro. A volta do sol estava para breve, para os primeiros dias de Fevereiro.

“Não se pensava nem se falava noutra coisa; andavam todos numa excitação, numa alegria, que enchia de animação todos os rostos.

“No dia marcado para a sua chegada ninguém descansou em casa, cada um procurou um ponto de observação como se cada qual quisesse ser o primeiro a saudá-lo no seu tão desejado regresso.

“Perto do meio dia começou a aparecer uma claridade rósea no céu, as montanhas tingiram-se do rosado da aurora e pouco depois levantou-se serenamente *Sua Magestade o Sol*.

“Foi um só grito, uma aclamação única!

“Toda a terra parecia ressurgir com a volta do sol seu amigo indispensável e seu senhor, que, nêsse dia, pouco se demorou no horizonte, “como quem não está para maçadas” — era o que dizia a Felizarda para o companheiro.

“Com a chegada do sol o desgêlo começou, também, enchendo de ruído toda a enorme região, que se estendia por êsse infinito deserto.

“As aves marinhas e os corvos apareciam em bandos dando alegria e animação à paisagem.

“Foi então que tiveram ensejo de ver as maiores maravilhas daquelas regiões: ilhas flutuantes dirigindo-se se-

renamente para o grande mar, montanhas que se desagregam, outras que se fundem num tremendo fragor.

“Os dois amigos andavam espavoridos com aquela enorme palpitação de vida e, como êles, o *Terror*, sempre aos pulos, sempre inquieto e tristonho.

“O comandante, entretido com os trabalhos da expedição que devia seguir para deante, não tinha já tanto tempo para lhes dedicar.

“Ora uma vez tinham subido a um pequeno *iceberg* para descobrirem o horizonte mais vasto, seguidos pelo terror que os contemplava com meiguice, quando sentiram o gêlo estremecer debaixo dos seus pés e despegando-se do resto da montanha começar a deslizar mansamente em direcção ao mar.

“Ainda gritaram um adeus aos seus companheiros de tantos dias, mas êstes mal os distinguiram na marcha da improvisada embarcação, que se tornava cada vez mais rápida, levada pela corrente.

“Julgaram-se perdidos, mas isso não os comoveu muito na sua alma de farrapos. Outro tanto não sucedeu ao *Terror* que cada vez se mostrava mais inquieto, rondando sempre em volta da sua ilha flutuante e como que estudando a maneira de os livrar do grande perigo que os ameaçava.

“Mais um dia se passou de tormento para o fiel animal quando os seus olhos acostumados às névoas polares e o seu instinto o advertiram da passagem de navios baleeiros que se encontravam no mar. Calculou a distância, agarrou nos dois companheiros com os dentes, e deitou-se

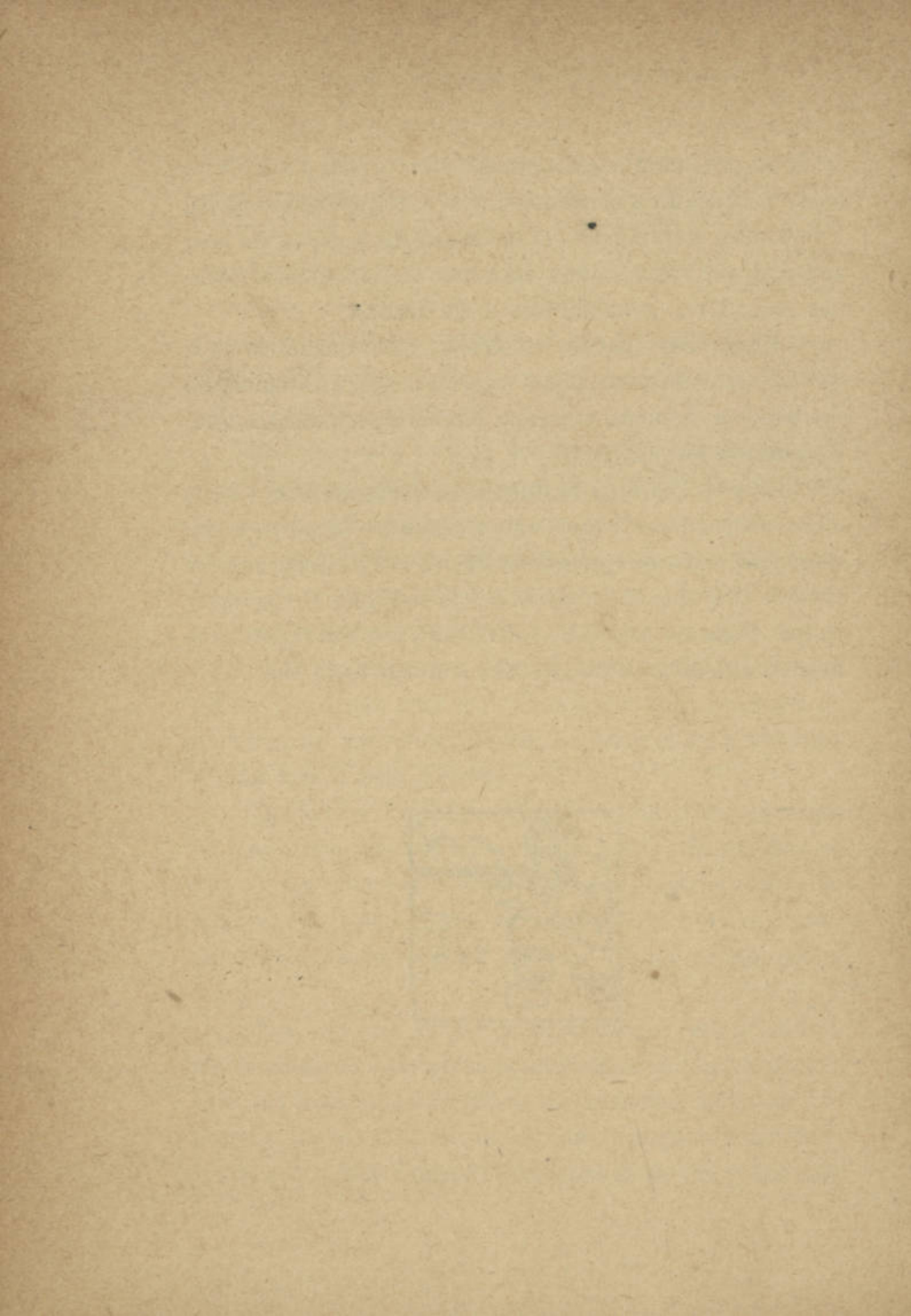
à água, nadando vigorosamente para o barco donde foi visto e ajudado a salvar-se com a sua interessante carga.

“Foram recolhidos com muita alegria, e, depois de bem aquecidos e confortados, encheram de espanto os valentes pescadores contando-lhes a sua história

“Ainda não estavam refeitos do susto quando o vigia avisou da passagem duma enorme baleia à distancia do harpão; os homens correram logo aos seus lugares, preparando-se para a caça.

Felício e Felizarda ficaram entusiasmados com o facto pois assim como tinham visto a pesca do bacalhau achavam que era uma grande sorte ver a da baleia, que é a riqueza dos que se entregam a essa industria tão perigosa como cheia de peripécias interessantes, e que tantos portugueses, habitantes dos Açores, emprega cada ano.







A PESCA DA BALEIA

“Felício e Felizarda, que tanto desejavam assistir a essa pesca que lança, como a do bacalhau, sôbre os mares do norte, rodeados de perigos incalculáveis, homens de todos os países, estavam atentos ao menor gesto dos seus companheiros de ocasião.

— Demais — dizia Felizarda — eu sempre quero ver essas afamadas barbas de baleia de que se servem as senhoras para os vestidos e para os espartilhos...

— ¿! Barbas?! Nem que sejam barbas isso que dizes! Mais se poderiam chamar dentes...

— Ora essa, dentes! — Que coisas diz êste Felício!...

— Pois é assim. As baleias não teem dentes, tu verás Na maxila superior teem uma espécie de massa córnea

dividida em lâminas, que é o que chamam barbas... Talvez lhe chamem assim porque na extremidade são separadas em filamentos, como se fossem crinas. Imagina tu o que diria uma pessoa que se visse dentro daquela bacarra, onde cabem á vontade dez ou doze homens de pé, debaixo dessa tremenda bateria de dentes ou barbas, como tu dizes, duzentos e cincoenta de cada lado! . .

— Olha, olha! Não vês aqueles enormes repuxos que deita para o ar? Parece uma fonte monumental num grande jardim de luxo!

— É que a água que sorve com tanto barulho não a engole, expele-a com força pelas duas aberturas que tem na cabeça, e que lhe servem de *ventiladores*.

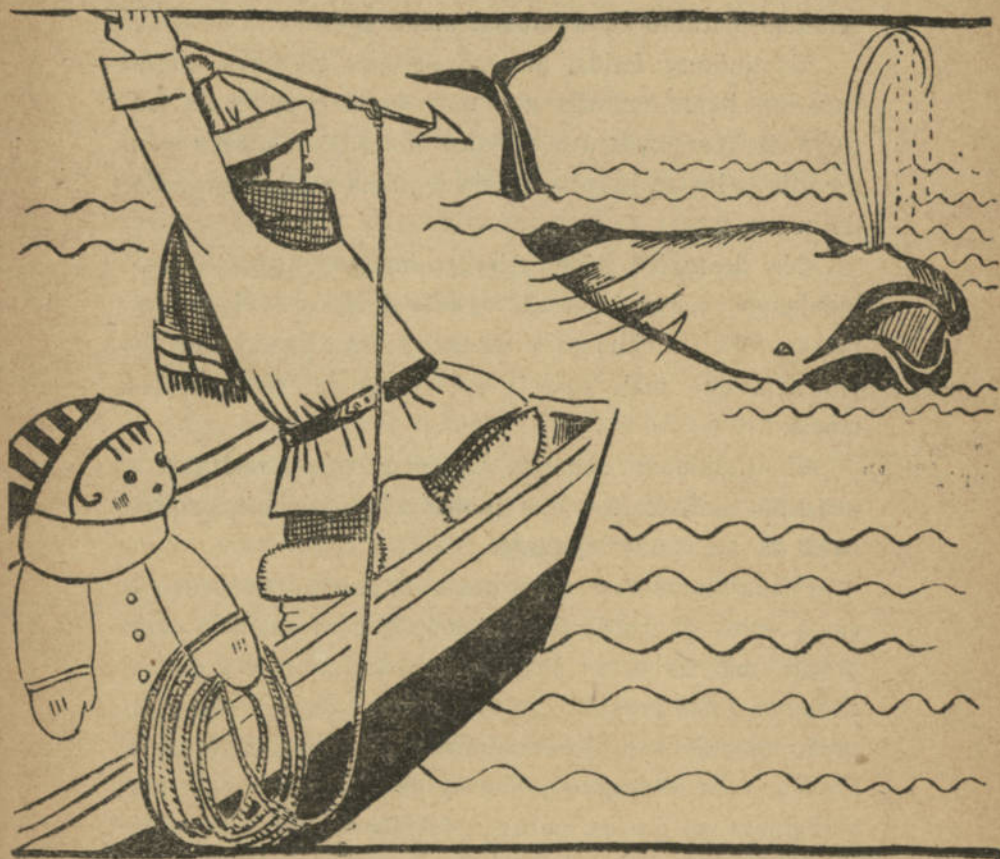
— Não deixa de ter sua graça, i um bruto dêste tamanho que engole água e não a bebe, que não come senão moluscos e peixes pequenos, que tem dentes que não são dentes, que vive no mar com os peixes e não é peixe, nem respira dentro da água como êles, que é carne e não vive senão no mar!

— i Deixa-me cá rir! É Então tu imaginas que a Natureza determina coisas segundo o pobre critério e as leis dos homens?

— i Olha, olha! . . Lá vão os pescadores para as chalupas. Atenção agora!

— Vamos com êles, anda depressa! . .

“Os dois atrevidos exploradores saltaram também para uma das chalupas que se afastaram do navio à fôrça de remos. Quando estavam a distancia suficiente, o encarregado de lançar o harpão, de pé, à prôa do barco, prepa-



rou-se para o golpe; então com uma segurança e uma destreza extraordinária atirou o ferro de tal modo que o monstro marinho ficou imediatamente prêso.

“Sentindo-se ferida, mergulhou com tal força que a prôa do barco entraria no mar e sumir-se-ia com a sua carga de homens, sem o cuidado destes em largarem toda a corda prêsa ao harpão, dando à vitima toda a liberdade de movimentos.

“No desespero dêsse primeiro instante mergulhou rapidamente, mas, como não respira debaixo de água, depressa voltou a cima para tomar ar, resfolegando com tal violência que mais parecia uma carga de canhão a distancia.

“E continuava nadando violentamente, arrastando a pequena embarcação, que podia voltar com um simples bater da sua cauda bipartida.

“Cada barco que vai à pesca da baleia leva quatro a cinco rolos de corda de sobrecelete com oitenta a cem braças, mas às vezes é ainda necessario pedir a outras chalupas a sua provisão de cordas, pois o cetáceo não para senão quando completamente se lhe esgotam as fôrças e a vida, com o sangue que corre da ferida. Nesta corrida vertiginosa em que as embarcações são levadas a reboque com uma velocidade igual à do vento, é necessária toda a atenção para a corda seguir sempre pela prôa, aliás as frágeis embarcações tombariam e atiravam para a água os seus tripulantes.

“É tambem preciso cuidar em molhar a corda, que poderia incendiar o barco com o rápido atrito, e disso se

encarregava o harpoador, humedencô-a sem descanso com uma esponja, ajudado por todos os tripulantes que ali estavam, num momento grave, cheios de ansiedade, jogando a fortuna e a vida.

“Na corrida, que entusiasmava Felizarda e a fazia bater as palmas, como era seu costume quando estava satisfeita, eram seguidos por todos os outros barcos onde os homens remavam vigorosamente para os atingir.

— É uma verdadeira regata! — dizia a rir.

— E nós é que somos os vencedores e ganhamos o prêmio! Parece que a baleia já vai estando mais fatigada!

“Mas primeiro que o animal deixasse de puxar a corda foi preciso largar-lhe quási duas mil braças. Só quando viram que não eram já arrastados é que começaram a recolher com muito cuidado a corda, sempre com a atenção fita para a largarem ao primeiro repelão, que a vítima ainda fizesse num ultimo arranco.

“A baleia furiosa por se sentir ferida e prêsa deitava a água com tanta força que o barulho se ouvia a uma distancia de muitos quilómetros; debatía-se enraivecida, mas com êsse mesmo esforço se enleava mais na corda e mais enterrava o ferro assassino.

“A pouco e pouco a respiração tornou-se mais fraca, a agua já não subia em repuxo tão alto e o ruido que produzia não era o mesmo, mas semelhava, em grande, o borbulhar da água entrando num frasco vazio.

“Por fim, quando os pescadores tinham toda a coita já enrolada e o barco a alcançou, estava morta, esgotada

pela sangueira, que tingia de vermelho as águas numa grande distância.

“Era medonha! Felício e Felizarda, apesar do muito que lhes tinham falado nêstes gigantes dos mares, não faziam uma ideia aproximada do seu tamanho monstruoso senão agora que viam com os seus próprios olhos. Só então puderam compreender a história que se conta dum padre que desembarcou com os passageiros dum navio, e armou um altar e começou a dizer missa sôbre uma baleia, supondo ser umailhota.

“O Pedrinho é que não partilharia do espanto dos dois *bonifrates* porque êle já sabe muito bem que a baleia é o maior animal hoje existente no mundo. O elefante, que já nos parece tão grande, caberia bem dentro da sua bôca, que semelha um abismo.

“E' certo que êste animal não tem a ferocidade correspondente ao seu tamanho e fôrça, alimentando-se sómente de pequenos peixes e moluscos como Felizarda já sabia, que veem na enorme massa de água que engole e que lhe ficam prêsos nas barbas, como numa rêde.

“Sendo inofensiva, é um dos mais perseguidos animais da criação, não só pelo homem que nela encontra uma grande fonte de riqueza como por outros peixes que a atacam em pleno mar. Um dos seus mais terríveis inimigos é o espadarte, que chega a introduzir-se-lhe na bôca e devorar-lhe a língua, que é para êle um manjar apreciadíssimo. A mísera, assim atacada pelo guloso, morre em seguida, em convulsões horríveis.

“Felício e Felizarda continuavam atentos a todas as

operações executadas pelos experimentados pescadores nada perdendo desses vários trabalhos para poderem fazer um relato completo ao Pedrinho.

“Seguiram com toda a atenção a primeira operação que foi o corte da cauda, para que não retardasse o andamento ao barco, e depois a de ligarem com força à chalupa o enorme corpanzil.

“Como era impossível, aos tripulantes sósinhos, poderem rebocar tal pêso, a chalupa fôï ligada a mais outras cinco que apareceram logo e assim, com o esforço combinado, foi-lhes relativamente fácil alcançarem o navio.

“Aí, sólidamente amarrada com a cabeça para a pôpa, começou a faina de a desmanchar. A primeira coisa de que trataram foi de lhe arrancar a maxila superior para aproveitarem as barbas, que só por si valem já bem os sustos e incômodos de tal pesca. Os homens encarregados de cortarem a baleia em pedaços, armaram-se de grandes facas bem afiadas, e calçados com umas botas especiais guarnecidas de bicos para não escorregarem sobre o seu corpo viscoso, saltaram-lhe para cima e cortaram e retalharam até não ficar senão a carcassa. Feito isto desamarraram-na e todos se juntaram para a verem flutuar à tona de água algum tempo, submergindo-se depois por entre a algazarra e saudações da marinhagem satisfeita.

“Carregado com os despojos da pesca, dirigiu-se o navio para terra, pois era necessario derreter as gorduras e convertê-las no óleo, tão lucrativo e considerado de tanta utilidade no mercado.

“Foi então que os dois amigos se despediram dos seus

salvadores, e, deixando-lhes o *Terror*, que se afeiçoara muito aos marinheiros, embarcaram no primeiro navio que dali se dirigia para Inglaterra.

“Aí, depois de bem limpos e preparados para entrarem na grande civilização apanharam o primeiro vapor de passageiros com rumo a Portugal e nêles embarcaram para serem recebidos pelo Pedrinho como heróis vitoriosos duma campanha difícil”.





O Pedrinho ria a bom rir, comentando com a mãe as aventuras dos dois amigos, que em cima da mesa, o fitavam com os seus espertos olhitos de retrós preto.

Nêste ponto chegavam os romeiros do arraial, que encheram o doente de festas e recordações. Mas viram com surprêza que o desconsôlo em que o tinham deixado se convertera numa grande satisfação e que, mais do que êles, tinha o Pedrinho que contar.

Todos ficaram maravilhados com as primeiras aventuras do engraçado *Par de França*, que foi arrecadado numa condessinha forrada de seda côr de rosa, que a Marianinha herdara de uma boneca, que já passara à história, e guardara previdente. Indo ela própria buscá-la, cuidadosamente os acondicionou.

O pai e o irmão mais velho e até os tios do Pedrinho, todos interessados na graciosa existência dêstes úteis actores, prometeram à pequena da auxiliar a sua criadora, dando assunto e notas para novas viagens, tão aventurezas como instrutivas.





Principio de cura

O Pedrinho continuava prêso pela doença, ora na cama ora com a perna estendida na cadeira de viagem, para onde o transportavam com infinitos cuidados.

No entanto o médico estava satisfeito porque a soldagem do ôsso fazia-se com toda a regularidade e a impaciência e mau humor dos primeiros dias passara, de modo que assim, com o espírito calmo e os nervos socegados, a cura far-se-hia sem precalços e em menos tempo ainda do que tinha predito, de princípio.

E' claro que as viagens dos dois companheiros inseparáveis continuavam sem descanso e já muito tinham visto por essa Europa fóra. Nessa tarde o Pedrinho pediu para serem mandados para outra grande viagem, mas onde houvesse menos sobresaltos e menos perigos do que na primeira, que os levara ao Pólo Norte.

— Cheguei a imaginar que ficassem despedaçados nalgum *iceberg*, ou se afogassem no mar tormentoso e fossem engulidos por alguma baleia! . . .

— Que não ficaria muito farta com o jantar . . . Em todo o caso, como elas só se alimentam de moluscos e pequenos peixes, não devem ser muito exigentes.

— Correram tantos perigos — disse rindo — que podiam bem ter ficado no mais pequeno dêles . . .

— Oh, i os nossos pequenos amigos são imortais! Nada os vence; não conhecem o medo nem a dôr.

— Sabe, minha mãe — disse o Pedrinho com ar grave — apesar de saber que os dois amigos são uns *bonifrates* de trapos feitos pela viúva Teresa e vestidos por a mãezinho, cheguei o outro dia a estar aflito, a recear pela sua existência no meio de tantas aventuras, como se realmente vivessem!

— ¿i E vivem Pedrinho, porque não?! Já te disse que de facto existem, que teem a realidade que nós lhes damos, são animados pela nossa propria alma.

— i Se assim fôsse, não haveria nada que se pudesse considerar inerte, coisa que se não pudesse fazer viver!

— E não ha, Pedrinho. A morte não existe; a morte é a transformação da matéria, e não há coisa alguma que não tenha uma alma própria, que não fale, que não viva de facto, que não subsista através do espaço.

— Mas eu, mãezinha, nunca ouvi as pedras falar, nem as árvores, nem mesmo os animais. Só o papagaio da tia Isabel, e êsse diz sempre a mesma coisa que lhe ensinaram, chegando até a irritar-me pela sua estupidez.

— Dize-me uma coisa, Pedrinho, nos contos de fadas que tanto te entreteem ainda há poucos anos...

— ¡E hão de sempre agradar-me, tenho a certeza!

— Pois nesses contos que tanto prendem hoje a atenção da Marianinha, que se não fôsse o entusiasmo de os poder ler não chegaria a ser uma bôa estudante, nunca conheste um génio maravilhoso, uma fada ou qualquer encanto, que desse aos mortais a faculdade de compreender a linguagem dos animais e das coisas?

— ¡Quantas vezes aparecem nos contos, boas fadas que dão aos seus afilhados essa maravilhosa faculdade! E até lunetas mágicas que fazem vêr tudo quanto se passa a distancia ou perto, e ler o pensamento alheio... ¡Mas isso, mãe, são contos de fadas!...

— ¡Pedrinho não sejas incrédulo! Na vida há duas fadas maravilhosas que nos dão ouvidos para comprehendermos todas as vozes da Natureza e nos abrem os olhos da alma para vermos as maravilhas que nos rodeiam.

-- ¿¡E não poderei eu conhecer essas duas senhoras?!...

-- ¡Podes, sim! Porque uma, felizmente, nasceu contigo; é a *Inteligencia*, que nos dá a comprehensão de todas as coisas, a única superioridade do ser humano. A outra é a *Sciência*, que enche a nossa alma de luz para tudo vermos e explicarmos. Com uma sentimos, com a outra certificamo-nos. Uma sem a outra pouco valor teem, são objectos ociosos, só de aparência.

— ¿¡E sendo-se sábio pode-se ouvir o que dizem os animais e as árvores?!...

— Ouvimos, mas não é com os ouvidos; sentimos e

vemos, mas não é com os olhos; compreendemos o que dizem, mas não é com palavras. . . ¿Tu nunca estiveste a beira dum regato e ouvindo o seu murmúrio não pensaste na caminhada que vinha fazendo a sua água, saltando da rocha, regando milharais, humedecendo as árvores, refrescando os prados? . . . ¿Essa água nunca te contou como foi delgado fio que as chuvas e as nascentes engrossaram até o tornar em ribeiro, depois rio caudaloso e mais tarde o imenso mar, onde se vive tanto como em terra? ¿Nunca pensa-te como essa água evaporada se condensou no ar, se fez nuvem e tornou a cair em chuva na terra sequiosa? . . .

— Não! Eu nunca tinha pensado nisso apesar de já saber e compreender todas essas coisas.

— ¿E, junto de um rochedo, nunca sentiste curiosidade de lhe perguntar como se formou no seio de terra, como se fez resistente e duro, e como, sendo sempre pedra, é tão diferente de região para região? . . .

— ¡Também nunca me lembrei de pensar nessas coisas tão simples e ao mesmo tempo tão grandes!

— ¿E vendo a árvore que estende sôbre a terra a sua boa sombra carinhosa, nunca cuidaste de saber donde lhe veio a fôrça, a vida, que duma pequenina semente a fez germinar, crescer, engrossar e fazer-se tamanha? . . .

— ¡Nunca, nunca pensei nessas coisas! . . . E sinto que devo ter vergonha de o não ter feito.

— Deves tê-la, Pedrinho, porque essa indiferença perante as coisas mostra que a tua alma tem estado adormecida. Tu não tens vivido, meu amigo, tu tens existido como



a árvore, a pedra, a ave, ou a água corrente... Tens falado, mas as tuas palavras são murmúrios sem sentido, é a voz inconsciente das coisas. — E achas tu inferiores os animais e tudo o que te rodeia!?... Não, meu filho, tu não és um ser consciente, faltam-te as lentes maravilhosas que poderiam dar luz à tua almazinha rudimentar. Só em as tendo compreenderás a existência superior do homem cuja inteligência domina a força inconsciente da matéria.

«Só então terás uma alma tão grande que sem a diminuires em coisa alguma a podes dar a todos os seres, recebendo em troca em ti mesmo a compensação maravilhosa que é o segredo das outras almas.

— Mas isso há de ser muito difícil!...

— Tanto não é, que tu já sentiste a existência real dos teus bonecos!

— Agora compreendo! Vamos torná-los outra vez realidade. Vamos fazê-los reviver, sim?

— Aqui os temos já prontos para a nova aventura. Onde queres que os mandemos agora?

— Ao Brasil, mãezinha, hão de gostar de se verem numa terra irmã onde se fala a nossa língua, onde encontrarão um povo filho da mesma origem, como as mesmas tradições e historia conjunta até á independencia, que não foi senão o reconhecimento da sua nacionalidade... E eu tambem quero saber o que eles contarem, pois tanto tenho ouvido falar no Brasil e tão pouco sei dêle.

— Como pouco sabes do teu país vivendo dentro das suas fronteiras. Aquilo que mais nos toca de perto é o que nós menos conhecemos. Ora, pois, vamos vestir os nossos

viajantes com um fato mais apropriado para viagem tão diferente da primeira.

—Aqui estão para o Felício os fatos leves, de linho e flanelas claras para os dias de calor, mas também é necessário dar-lhe alguns mais fortes, para os dias frios. Aqui tem umas boas botas de coiro da Rússia, um casaco de abafo e uma capa de borracha para a chuva... Para Felizarda, o mesmo: vestidos e blusas leves e alguns mais quentes para a preservarem do frio e da humidade.

— Mamã, mamã, olhe que está enganada! Botas de coiro da Rússia e casaco de abafar para o Brasil?!... |Deixe-me rir, mãezinha, vão morrer asfixiados!...

— Bem se vê que não conheces o Brasil. É Então imaginas que não há lá frio nem chuva? Pois olha a chuva é um dos grandes tormentos das regiões tropicais... tormentos e prazer, pois sem ela se morreria asfixiado. O frio, não digo que seja muito, mas quantas vezes nos lembra um lumezinho agradável de manhã e à noite, ou pelo menos um bom casaco forte, nos seus dias invernosos, principalmente nas regiões elevadas. Depois... o Brasil é tão grande! Há Estados que são muito maiores que o nosso Portugal e a Espanha juntos. Outros que são maiores do que três vezes a França... |Há lá de tudo! E nada mais ridículo do que falar do Brasil em globo, quem nunca visitou senão uma região.

—No Norte Pará e Amazonas, há épocas em que chove constantemente; no Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande, faz muitas vezes frio como na nossa Europa. Mesmo em São Paulo e Minas-Gerais as temperaturas

são alguns dias bem pouco quentes, para não dizer frios, lembrando as dos nossos invernos europeus. Já vêes, é um país tão grande que dentro das suas fronteiras, essas largas e admiráveis fronteiras que nós lhe preparamos, cabem os climas e as paisagens mais variadas!

— No Rio de Janeiro, que é o primeiro destino dos nossos viajantes o inverno é como uma linda primavera das nossas terras. E, como sabes, a nossa primavera, às vezes, tem seus dias bem fresquinhos!

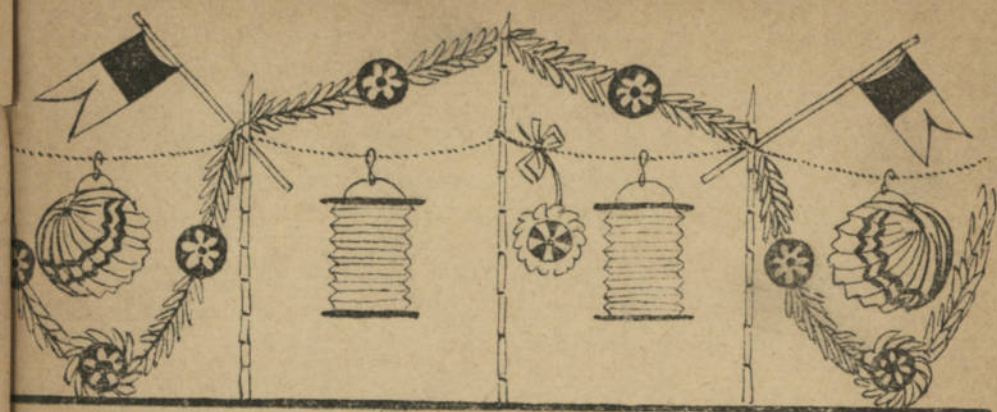
— E ainda no Rio de Janeiro, a formosa capital da República, a senhora que preside ao desenrolar das águas dessa baía que se chama Guanabara, tem temperaturas diferentíssimas, conforme os sítios em que se está. Enquanto na cidade, em pleno verão, se arde como num brazeiro, a dois passos, nas montanhas forradas de florestas, há frescura e humidade, e até há pontos em que chove!

— Bem, bem, então que vão abafadas para se não constiparem! — terminou o Pedrinho a rir.

— Já estão preparados. Agora vamos comprar-lhes bilhetes para tomarem um dos vapores que tocam em Lisboa. Suponhamos que ainda ha as carreiras francesas e elles tomam um navio da 'Messagerie Maritime' que atracavam á Docca de Alcantara e seguiam com destino ao Brasil pelo Senegal.

— Pois que sigam o caminho e destino que lhes marcamos para o segundo episódio das suas aventuras maravilhosas e admiráveis.

FIM DA PRIMEIRA VIAAGEM



INDICE

Nota	7
Noite de romaria	9
Na pesca do bacalhau	23
Na terra dos gelos.	35
Uma visita inesperada	43
A chegada do soi	51
A pesca da baleia	59
Principio de cura	69

Para a LUSITANIA EDITORA, L.^{DA}
acabou de se imprimir este livro na tipografia
da Rua do Seculo, 50 — LISBOA
Em 31 de Agosto de 1922



THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
540 EAST 57TH STREET
CHICAGO, ILL. 60637



LUSITANIA
EDITORIA
LIMITADA
LISBOA